

Introdução

O presente texto pretende debater formas educativas para o ensino médio, através da junção metodológica entre músicas de RAP com os conteúdos da Filosofia. Tal proposta busca pensar as problemáticas encontradas na realidade educacional pública e no cotidiano dos (as) estudantes, permitindo construir alternativas reflexivas que possam desvelar outro sentido para a construção do conhecimento.

Pretende-se a partir desta metodologia revelar ações educativas partindo do real, de modo a construir na contemporaneidade, em instâncias sociais como a escola, a formação de sujeitos críticos e éticos para atuarem como agentes transformadores dos condicionantes sociais. Levado por evidências teóricas e práticas, o texto apresentará como se desenvolve a percepção crítica e a transformação do ser, bem como, da consciência de jovens negros (as) excluídos da sociedade.

Tal ação de negligência, exclusão e confronto histórico, foi incorporada a uma metodologia produzida entre a arte e realidade. E por meio disto, a juventude utiliza a rebeldia aprendida nas ruas, como modo estratégico de sobrevivência coletiva da população negra, servindo como meio autônomo e alternativo de educar a si e a outros (as).

Mas, pela interação social e linguagem juvenil, estes (as) jovens reivindicaram seu espaço na sociedade pela incorporação e transcrição de seu mundo, mediatizando-o pelo RAP, como elemento de resistência. Além disso, serão demonstrados aspectos pedagógicos, que foram demarcados por contextualizações ontológicas de jovens que impulsionam outro sentido de viver e se educar, a partir de determinações reais e práticas, como modo de reafirmar sua existência e luta dentro de comunidade periféricas.

Sendo assim, tem-se que para Miranda (2014), o RAP é um dos elementos da Cultura Hip-Hop¹, havendo pela sua difusão no mundo, certa confusão na fundamentação de seu conceito. No entanto, o RAP promoveu determinada percepção social e racial entre os (as) jovens negros (as). Tal aspecto é compreendido por Guimarães (1999), como elemento libertário para construir outras

¹ “Hip-Hop é uma manifestação de caráter sociopolítico que se desdobra entre Cultura e Movimento. Oriundo das camadas populares, é composto por cinco elementos, dos quais quatro são artísticos (música Rap, Dança de Rua, arte mural do Graffiti e o DJ) agregados ao elemento central: o Conhecimento”. (MIRANDA, 2014, p. 13)

perspectivas de vida sobre problemas circundantes, os quais quando refletidos e problematizados, revela por alternativas educacionais, a compreensão crítica da realidade.

Por isso, pelo discurso, o RAP propõe a afirmação e reconhecimento dos indivíduos, servindo como meio de elevação da autoestima e superação de crises. Diante disso, conforme Duarte (1999), pela conjuntura desfavorável, o discurso do RAP consegue resgatar vidas e construir significações pela exclusão. Para Taddeu (2012), o RAP construiu pela postura, caminhos alternativos independentes dos ditames sociais para formar um modelo estratégico de educação, militância e intelectualidade em comunidades que sofrem com as mazelas sociais. Construindo outras possibilidades de ser e pensar, Magro (2002), analisa como as canções de RAP foram um modo de resistência e luta pela vida com as denúncias fecundadas em suas letras.

Para Semeraro (2006), o “novo intelectual” demarca um espaço de luta pela *práxis*. A partir disto, constata-se, que a organização protagonista dos (as) jovens diante das ações excludentes serviram como modo de reescrever histórias e formar intelectuais, os (as) quais transformam concretamente as ações negativas em forma arte e discurso nas periferias do Brasil.

Essa autonomia no modo de pensar, de ser, de interagir com os outros e com a realidade fez surgir um sistema linguístico entre os (as) jovens que compartilham dessa cultura de rua, desta maneira, a linguagem para Rego (1995), torna-se a transcrição representativa da realidade, o que permitiu a percepção e troca de conhecimento, bem como, a compreensão das dificuldades encontradas em cada contexto social.

Por isso que, a linguagem corresponde à compreensão do outro e do seu mundo, e isto segue estritamente ligado à forma de pensar, da consciência, pois, assim como o ser social expresso por Marx (2010), é determinado pelas suas circunstâncias reais da vida, a linguagem sofre influências deste mesmo processo.

Diante dos caminhos tortuosos e conflitivos da educação pública no Brasil, percebe-se que a sociedade contemporânea está sendo pautada em torno do sistema capitalista. Tal afirmação demonstra que, a formação da educação básica é funcionalista, a qual prepara os indivíduos para o mercado de trabalho, não para a vida. Para Mészáros (2008), tal relação anula a individualidade dos indivíduos, ao ponto que ele demonstra caminhos educacionais para o desvelamento libertário e

posturas críticas. Neste sentido, Santomé (2012), percebe que o currículo escolar silencia as potencialidades juvenis, quando enquadram os (as) estudantes às normatividades do saber institucional. Neste modo de relação, a escola pública para Demo (2002), é um espaço estratégico para enclausuramento dos (as) estudantes e empobrecimento do ensino, pois a maioria de seu público são pobres, pretos (as) e oriundos (as) de comunidades periféricas.

O (a) professor (a) ao perceber os (as) estudantes envolvidos (as) neste contexto, e trabalhando metodologicamente as músicas de RAP nas aulas de Filosofia, mediatizando-as pedagogicamente, propiciará a motivação, compreensão de temas filosóficos, bem como a elevação crítica dos (as) estudantes. De acordo com isso, Freire (1996), salienta que é fundamental o respeito à individualidade e o modo de viver do (a) estudante, pois o (a) professor (a) ao limitar e impor formas de aprendizado, caracterizados por percepções conservadoras e violentas, menosprezando o conhecimento já existente no (a) estudante, transgredir aspectos práticos na formação educativa, autônoma e ética na ação do que é ser educador (a).

Para Dayrell (1996), é necessário formular críticas sobre o modo como os conteúdos escolares são abordados, além de como a estrutura escolar foi montada. Pois, para ele, a educação que não dialoga com a realidade dos (as) jovens está sendo um modo de aprisionamento das potencialidades, qualidades e conhecimentos dos (as) estudantes.

Ao tempo que, Tardif e Lessard (2009), apontam algumas problemáticas acerca do trabalho docente. Descrevendo como este, vivenciando circunstâncias subalternizantes no contexto escolar, encontra-se pressionado a preparar os (as) estudantes para ocuparem um lugar no mercado de trabalho. Tal procedimento torna a escola um meio de conseguir a capacitação exigida pelo capitalismo, ficando os conhecimentos, que possibilitam a construção de outra realidade, velados.

Sendo assim, cercado por uma diversidade social, histórica, cultural e política os (as) estudantes reinventam formas de pensar e ser tanto na escola como em suas comunidades, como meio de reescrever outros contornos e problematizar a realidade. Partindo deste princípio, a educação pensada aqui é a libertária. Pois, assim como o RAP busca a libertação dos (as) jovens, historicamente a Filosofia problematiza o mundo, permitindo por meio de reflexões outras perspectivas de vida.

Esta conexão metodológica apontada segue como alternativa para educação pública, como meio de conduzir os indivíduos numa perspectiva desveladora, para que possam refletir ainda mais sobre os fatores sociais e históricos. Tem-se que, a educação crítica defendida aqui, torna-se um elemento concreto para propiciar a emancipação, devendo conduzir a possibilidades de superação de crises.

Deste modo, pretende-se discutir, que a música do RAP é compreendida como meio pedagógico que auxilia no filosofar. Pois, para além da estética, e um movimento juvenil urbano, o RAP criou um ambiente em que o “eu” e o “mundo” são conectados no movimento que perpassa entre a percepção, sensibilidade e a consciência social. E tais aspectos quando refletidos, e trazidos como objeto cognoscível na atividade prática filosófica pode servir como uma grande ferramenta para a construção de outras formas de conhecimento.

1. O RAP enquanto instrumento educativo e libertário

A cultura Hip-Hop surge em meados da década de 70 com os (as) jovens (as) negros (as) oriundos (as) dos subúrbios, principalmente do Bronx, Harlem e Brooklyn de Nova Iorque – EUA. O Hip-Hop surge como possibilidade de superação dos problemas, que perpassavam desde à negligência social até a precarização de infraestruturas. Diante deste contexto, interpretando a realidade, os (as) negros (as) destes subúrbios, utilizaram o cotidiano local, como elemento principal para desenvolver manifestações artísticas de rua expressadas pelos elementos do Hip-Hop.

Diante disso, antes de adentrar ao debate, é válido esclarecer sobre a confusão feita pela indústria cultural midiática norte americano em torno da música RAP com o Hip-Hop. É frequentemente notável a caracterização em textos, entrevistas, falas cotidianas e até mesmo nomes em CD's de RAP como sendo de Hip-Hop. Isso reflete em falas que afirmam o seguinte: “estou ouvindo Hip-Hop!”, “pow, como é legal ver o cantor de Hip-Hop falar sobre a vida!” e/ou até mesmo “fiquei contagiado ao assistir um clipe de Hip-Hop!”.

Bem, são reproduções como estas, que foram acumuladas equivocadamente durante a história da Cultura Hip-Hop, e que conseqüentemente pela sua expansão, há uma compreensão errônea sobre seu conceito, em que o Hip-Hop é definido como música. O Hip-Hop é uma cultura, movimento sociopolítico, e que desta estão relacionados cinco elementos, onde cada um deles tem

uma função diferenciada, contendo suas especificidades, mas conectados ao mesmo objetivo, interpretar a realidade, a vida, e transmiti-las por meio das artes. Jorge Hilton de Assis Miranda, em *Bahia com H de Hip-Hop*, analisa este equívoco e comenta o seguinte:

A partir da década de 1980, nos Estados Unidos, a indústria musical e a mídia passaram a tratar o Hip-Hop como sinônimo de Rap, deixando os outros elementos de fora. Resultado: Hip-Hop passou a ser difundido como estilo musical, chegando a ser considerado por uns como apenas sinônimo para o Rap, e por outros como estilo diferente. Essa ideia espalhou-se de modo equivocado, preocupando seriamente a Zulu Nation que, buscando superação do problema, promoveu o Conhecimento como 5º elemento. Esse passou a ser enfatizado enquanto necessidade de se conhecer a história do Hip-Hop, bem como seus princípios filosóficos. (MIRANDA, 2014, p. 13 – 14).

Então, diante do que foi apresentado, o que seria o RAP mesmo? A sigla RAP advém da palavra inglesa, norte-americana *rhythm and poetry*, e significa ritmo e poesia. O RAP exerce a função múltipla de dois elementos do Hip-Hop, que se fundiram para construir a música, sendo uma vertente que utiliza ao mesmo tempo, o ritmo e poesia em sua composição estrutural. Com o ritmo trazido pela melodia das batidas produzidas pelos toca-discos, *mixer* e outros equipamentos sonoros do *disc jockey* ou discotecário (DJ) e a poesia politizada e direta do Mestre de Cerimonia (MC), constrói-se a música RAP.

Por outro lado o (a) MC também pode ser caracterizado como qualquer orador (a), como mediador (a) que utilize as palavras para construir determinada ação, portanto, o (a) professor (a) utilizando deste artifício retórico, pode ser considerado também como um (a) MC, mesmo ele ou ela não sabendo rimar.

Há algum tempo no Brasil, a palavra RAP ganhou outra tradução, denominando-se por Revolução Através das Palavras. A tradição do Hip-Hop, bem como a do RAP tem suas origens calcadas em Kingston, na Jamaica. Herdeiro cultural dos *griots* africanos, os quais produziam educação pelos cantos falados, que consistiam em relatos de histórias e ações de valorização do povo negro. O RAP não é somente constituído, musicalmente falando, com sua produção por músicas escritas, ele também expressa-se por gesticulações orais de improviso.

Os (as) jovens propõem pelo discurso e rimas, ações de reflexão sobre a realidade e a vida, a qual objetiva-se à busca da transformação social, uma sociedade justa, e dentre os (as) jovens negros (as) uma consciência politizada. Nesta conexão entre a arte e as circunstâncias do mundo surgem elementos que foram necessários para o desvelamento de outras estruturas, como: a valorização, a elevação da autoestima, a afirmação, o respeito, além de ações por fundamentos éticos.

O conteúdo abordado pelo RAP envolve quase trazido como uma regra, a denúncia em temas sobre atos de desrespeito, violência, e etc. O rapper² mostrando a realidade como se apresenta, interpreta e transcreve o mundo de forma objetiva, externalizando-o pelo seu “canto falado”, a sua forma de viver e/ou que percebe o cotidiano, o qual mediante reflexão serve como mecanismo de superação das crises. E por meio desta dinâmica, a música vai construindo espaços e respeito, primeiramente partindo das periferias e depois para os centros das cidades. Aos poucos, a arte urbana canaliza a rebeldia juvenil, para ser um instrumento importante para a emancipação e reconhecimento dos (as) jovens, servindo como agente transformador pela identidade excluída e subalternizada.

É válido afirmar que a exclusão foi um dos princípios que motivaram os (as) jovens a desenvolverem sentimentos de mudança para situação que foram estrategicamente inseridos (as). Conviver, bem como refletir sobre a realidade totalmente desfavorável, criou fins condutores alternativos para ações transformadoras na conjuntura social, propiciando o descortinamento da realidade negada à população negra. Assim, o rapper e escritor, Eduardo Taddeo (2012) afirma sobre a tomada de consciência e atitude da juventude pelo RAP, a qual construiu pelo ritmo e poesia nas ruas, outros caminhos para os que, historicamente foram subalternizados (as).

Conforme Taddeo afirma em *A guerra não declarada na visão de um favelado* que, “Esse despertar da razão gerou uma corrente inquebrável de militantes e ativistas, dispostos a enormes sacrifícios para anular a invisibilidade social do motor da nação” (TADDEO, 2012, p.117). A negação dos bens culturais e educativos proporcionou para a população negra um lugar de destaque na subalternização e seleção social, o que para os (as) jovens negros (as) que estão à mercê deste aparato mórbido, resultou conseqüentemente na não percepção e interesse pela educação formal. A escola pública quando objetiva somente reproduzir o que está no livro didático, não despertará no (a) estudante o interesse pelos conteúdos das aulas e o conhecimento torna-se vazio, não necessário para a vida. Sobre isso, Santomé (2012), diz que:

Muitas propostas de escolarização mantêm ainda uma forte estrutura fordista, no sentido de que seu modo de funcionamento se assemelha ao da cadeia de montagem de uma grande fábrica. Assim, os alunos/as se posicionam de forma fixa em sua carteira e diante deles/as vão passando diferentes matérias e professores/as a um determinado ritmo. A única coisa a que os/as estudantes aspiram é acabar quanto antes seus deveres e desse modo conseguir uma recompensa extrínseca, como uma determinada nota ou um determinado conceito. O que tem menos importância nessa situação é o sentido, a utilidade e o domínio real do que devem aprender. (SANTOMÉ, 2012, p.156)

² Conceituação característica no Hip-Hop para denominar as pessoas que cantam a música RAP.

Sendo assim, a diversidade social, cultural e política que circundam os (as) estudantes, devem ser levadas em conta quando o (a) professor (a) almeja não só demonstrar os conteúdos da disciplina, mas, além disso, problematizá-los, mediatizá-los com os elementos existentes na realidade. De acordo com isso, Juarez Dayrell (1996) apresenta críticas sobre o modo como o conhecimento implícito no (a) estudante (a) é convertido dentro do espaço escolar, ao ponto de se transformar, como modo de adequar aos interesses da instituição, fazendo com que tais conhecimentos tornem-se “objetos”, e conforme andamento, anulado e condicionado para determinados fins do sistema.

A escola é vista como uma instituição única, com os mesmos sentidos e objetivos, tendo como função garantir a todos o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente acumulados pela sociedade. Tais conhecimentos, porém, são reduzidos a produtos, resultados e conclusões, sem se levar em conta o valor determinante dos processos. Materializado nos programas e livros didáticos, o conhecimento escolar se torna “objeto”, “coisa” a ser transmitida. Ensinar se torna transmitir esse conhecimento e acumulado, e aprender se torna assimilá-lo. (DAYRELL 1996, p.139)

Pelo RAP, os jovens constituíram sua visão crítica sobre o mundo, e de modo rebelde, incomodaram por saírem dos limites e ditames escolares para produzirem outras perspectivas de educação. Estas ações motivaram a necessidade de interpretar a realidade, com base em seu *ethos*, como atividade real na construção do conhecimento sobre si e sobre a realidade, de modo que, seguiram por vias contrárias, do estabelecido pela educação formal. Estes (as) jovens perceberam que conhecer o movimento de anulação de seu ser, bem como, o jeito que seu cotidiano foi formado, tornou-se o meio ativo para enfrentar o que os afligiam, e construindo por ferramentas reais, formou pelo RAP uma “dialética urbana”, que ultrapassasse o modelo de educação que não correspondiam suas expectativas de vida e proporcionasse sentido na realidade. Sendo assim, objetivaram-se a criar alternativas culturais que proporcionasse tanto o lazer, quanto à valorização de si, dos outros e de suas comunidades, construindo assim, pelo seu modo de pensar materializado na arte rimada, os elementos necessários para sua liberdade.

Sobre isso, para Pedro Demo (2002), a construção do conhecimento está estritamente calcada por atitudes rebeldes, pela saída de determinadas formas enclausuradas pelo sistema. Em que, a ação e conhecimento de determinados sujeitos são anulados por convicções sociais conservadoras que percebem o seu modo de se comportar entrelaçado as suas características e realidade como algo anormal. Sendo assim, conforme Demo:

O conhecimento no fundo é indomável. O conhecimento só é conhecimento quando é rebelde, quando salta, quando desconhece as fronteiras, quando se contrapõe, quando se confronta. Então, muita gente vai dizer que conhecimento é

sinônimo de revolta. Nós precisamos colocar na mão do pobre a arma da revolta que é conhecer e a liberdade que esse conhecimento exige. (DEMO, 2002, p. 3)

A Filosofia ao chegar ao Brasil na segunda metade do século XVI, trazida pelos padres jesuítas portugueses, com o intuito de construir, reproduzir e propagar os feitos “prodigiosos” realizados na Europa branca. Os portugueses, por meio da figura elementar de Deus, buscaram construir com a formação intelectual do pensamento aristocrático nas novas “terras descobertas”, a instauração de um poder dominador e do cristianismo no Brasil colonial.

No entanto, essa Filosofia tinha um público destinado, cabendo a estes os “ideais” reflexivos, e para a população negra todo o controle por meio da escravidão. Para os descendentes desta população, sobrou sobreviver mediante os sacrifícios, exploração pelo trabalho e outros meios. De acordo com isso, Taddeo expressa o seguinte, “Pros filhos da burguesia, esse ideário chegou via sala de aula ou biblioteca particular, já para maioria dos filhos da miséria, o fio condutor foi outro: o “RAP”!” (TADDEO, 2012, p. 117).

Percebe-se que as músicas de RAP, aqui no Brasil, como as do grupo de Racionais mc’s, proporcionaram junto à população periférica a valorização e construção de uma identidade negra, além de fortalecer ações necessárias de reparação para uma mudança e inclusão social. As denúncias feitas nas músicas deste grupo, demonstram um fiel retrato de um Brasil esquecido, de um Brasil dicotomizado pela expansão capitalista, em que os mesmos produtores desta arte, estrategicamente utilizam esta ferramenta para lutar e compreender a realidade desigual. Ainda a respeito deste grupo, vale ressaltar uma música produzida em 1993, chamada *Fim de semana no parque*, onde eles demonstram um drama social vivido numa comunidade do Capão Redondo, localizada na Zona Sul, da cidade de São Paulo, aterrorizada pela negligência do Estado. Ao tempo que eles apontam alternativas de não se sucumbir pelas violências, e da necessidade de possuir determinados bens materiais para a manutenção da vida social e culturalmente na/da comunidade.

A número, número 1 em baixa renda da cidade
Comunidade zona sul é, dignidade
Tem um corpo no escadão, a tiazinha desce o morro
Polícia a morte, polícia socorro

Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar, nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso

Mas aí, se quiser se destruir está no lugar certo
Tem bebida e cocaína sempre por perto
A cada esquina 100, 200 metros.
Nem sempre é bom ser esperto.

(Trecho da música *Fim de semana no parque* do grupo de RAP – Racionais Mc's)

De acordo com que foi apresentado, percebe-se que a música do RAP desde seu surgimento, preocupou-se com os problemas que circundam as periferias, conscientizando jovens politicamente a construir alternativas diante de uma ampla estrutura montada para a dominação e extermínio da população negra.

Segundo Pedro Demo, “o valor do conhecimento está na sua substância política. Ele é capaz de gerar autonomia, de mexer com a energia política do ser humano. Energia política significa não aceitar os limites, confrontar-se com aquilo que existe” (DEMO, 2002, p.3). E esta construção do conhecimento pela percepção e consciência política, fez com que o RAP se propagasse por todo o mundo, elevando outra perspectiva de interação com a realidade, diante do drama excludente pela massificação marginalizada e abastada da sociedade, a qual expropria as condições necessárias de uma vida boa, segura e de qualidade para a população periférica.

Magro (2002), parafraseando Silva (1999), afirma que o RAP constitui-se com um determinado tipo de linguagem juvenil, simbolizando um modo educação não-formal que almeja descrever a realidade cotidiana com o intuito de propiciar outros modos de percepção e interação. Assim, as “canções de *rap* são denúncias da exclusão social e cultural, violência policial e discriminação social; constituindo-se de longas descrições do dia-a-dia de jovens que vivem nas periferias” (MAGRO, 2002, p. 71).

O RAP é uma música autônoma e isso é um grande diferencial comparado a outros gêneros musicais. O RAP não se fraciona pela dependência do polo cultural centralizador e controlador, que determina o que e como deve ser tocada e produzida a música. Os (as) jovens sempre buscaram pelo RAP sua autonomia desde produções amadoras à sua relação transparente com o público, e desse modo, construiu uma identidade, a qual é extensamente explícita na consciência autônoma e ações protagonistas das dezenas, centenas e porque não milhares de jovens espalhados (as) pelo mundo. Então, é dessa forma, que os (as) jovens praticantes desta arte se organizam, pensam e se articulam, não estando mediados (as) por indivíduos exógenos à cultura, pelo contrário, desenvolvido dessa forma, processualmente revelou o reconhecimento social e formação crítica, as quais se demonstram como frutos da percepção social e humana para escreverem suas próprias histórias e determinarem outras possibilidades de vida. Neste sentido, Duarte afirma que o RAP:

Fugindo das formas de simples reprodução dos modelos externos, fugindo do circuito massificador dos meios de comunicação, ele consegue resgatar, de forma significativa, as questões sociais geradoras de exclusão. Não fica na simples denúncia, mas revela-se um “construtor” de possibilidades e de perspectivas de vida. (DUARTE, 1999, p. 18)

Interpretar o mundo é promover possibilidades e condições para uma mudança social. É na prática, conforme Semeraro (2006), que os indivíduos encontram a verdade objetiva. E o RAP mediante reflexão e interação com as circunstâncias da vida que modificam estes indivíduos pertencentes de características e organizações coletivas, buscam construir suas verdades e uma intelectualidade pela objetividade, e eticamente agem com responsabilidade e compromisso, formando, além disso, um poder para atuar contra os projetos de dominação e hegemônicos.

Destarte, para Semeraro, seguindo por postulados da práxis gramsciana, afirma que, o “novo intelectual” (que não é apenas indivíduo, mas é também constituído por diversos sujeitos políticos organizados), enquanto analisa criticamente e trabalha para “desorganizar” os projetos dominantes, se dedica a promover uma “nova inteligência social” (SEMERARO, 2006, p. 19).

Sobre esta atuação juvenil em faces deste movimento, percebe-se nas palavras de Magro (2002), que a atividade por meio da cultura propiciou a construção de modos educativos desvelando a autonomia e a percepção crítica. Tais formas de interação emergiram do contexto real de vidas que foram condicionadas ao papel subalternizado pelo controle e divisão social, ao passo que, por meio do Hip-Hop estes jovens criaram ações protagonistas para servirem como mecanismo de superação das experiências negativas e excludentes. Sendo assim, Magro afirma que:

Nessa perspectiva, os adolescentes participantes do movimento *Hip Hop* transgridem quando tomam as rédeas de seu próprio processo educativo, fazendo-o contextualizado com suas vidas, sua história, suas experiências, suas necessidades e, também, com seus sonhos, projetos e desejos. Assim, estes adolescentes deixam de ser meros atores e agentes de um modelo social que os exclui e discrimina, e os idealiza, os teme e os controla; e se tornam também autores de si próprios. (MAGRO, 2002, p. 72 –73)

O elemento do Hip-Hop que mais se expandiu durante os séculos XX e XXI, foi o RAP. Uma das causas disso, dar-se pelo contato sensível com a realidade e transformação pela informação tanto no discurso quanto pelas letras harmonizadas. A percepção dinâmica exercida pela relação discursiva, fundamentada pela transparência e uma mensagem áspera, fizeram com que os (as) rappers fossem considerados como “repórteres” sociais relatando notícias e informações de suas comunidades. Conforme, afirmação de Guimarães a “realidade que é descrita nas letras de rap é uma realidade sem nenhuma idealização, sem nenhum retoque que a torne menos violenta, a descrição é “nua e crua” [...]” (GUIMARÃES, 1999, p.41).

Historicamente, o discurso foi implantado pelo MC no RAP como instrumento de comunicação que pudesse ressoar concomitante a música. Pois, os (as) MC’s além da necessidade de convencer as pessoas através da articulação das palavras, tem a necessidade de protagonizar na

veracidade de seus argumentos determinada relação com a existência de algo no mundo, isso propiciou para o RAP um lugar diferenciado, frente aos outros elementos do Hip-Hop.

Essas gesticulações retóricas detêm de uma dada segurança na externalização do conteúdo abordado, as quais são oralmente produzidas de modos variados - utilizados muitas vezes - para chamar atenção de quem estiver ouvindo. Assim, estrategicamente os (as) MC's falam calmamente, em algumas vezes gesticulam por gritos e pulos, utilizam palavras de duplo sentido, durante os discursos usam palavras rimadas, as vezes ironizando em brincadeiras com assuntos sérios para descontração, mas sempre com intuito de conquistar, seduzir o público ou alguém em especial.

Antes de qualquer ser humano utilizar seu corpo pela dança, pintura, e no caso do Hip-Hop, as mãos com os DJ's, a oralidade no sentido de comunicação para construção do conhecimento, é um elemento que antecede a todas essas relações do corpo com o mundo. É pela oralidade, que a maioria das pessoas expressam algo sobre si ou sobre o mundo, é pela oralidade que há a relação de intercâmbio entre as pessoas, e dentro desta perspectiva, que a retórica no RAP ganha representatividade determinante para objetivação da arte e conquista de adeptos.

Neste contexto, o RAP torna-se um mecanismo juvenil para expressão de uma consciência social crítica. Ao ponto que também formula entre os adeptos da cultura, processualmente, a formação de uma determinada linguagem. Linguagem esta, que constrói meios de reconhecimento e compreensão do outro. Simbólica e concretamente os (as) jovens se percebem mediatizados (as) pelas músicas de RAP com diversos elementos emergidos de suas realidades, os quais favorecem como meio alternativo para fomentar a comunicação, criatividade, articulação política, que com determinados envolvimento revelam outras ações aos jovens pela incorporação da cultura.

De modo que, por necessidade, os (as) jovens construíram como reflexo da realidade e transmitidos pela arte, meios de comunicação que estabeleceu uma determinada linguagem única, correspondendo ao modo de representação simbólica do mundo objetivo. Em que a consciência advinda da interação social propiciou a construção do movimento linguístico decorrente da existência individual na confirmação no outro que convive do mesmo contexto social. Tal interação fez com que a consciência produzisse determinadas ações, sendo estas enrijecidas pelo reconhecimento de indivíduos pela presença de elementos constatados sensivelmente em singularidades, as quais evidenciaram diversas formas de contato favorecendo o desenvolvimento de seu ser. Assim, a linguagem juvenil pela arte urbana tornou-se um elemento representativo,

mediatizador do processo, em que os desejos e ações fossem direcionados para fundamentação e transformação pelo/do real.

A linguagem, conforme afirma Teresa Cristina Rego (1995), “é um sistema de signos que possibilita o intercâmbio social entre os indivíduos que compartilhem desse sistema de representação da realidade” (REGO, 1995, p.54). Sendo assim, a linguagem é a representação do real, construída pelas vivências sociais, como propriedade procedida para desvelar as formas de apreensão e interpretações do mundo, além de exercer um poder na comunicação entre os homens, sendo por isso, fenômeno intercambiável. Por isso que, para Rego (1995), a linguagem revela “o estabelecimento de significados compartilhados por determinado grupo cultural, a percepção e interpretação de objetos, eventos e situações do mundo circundante” (REGO, 1995, p.54).

Diante disso, percebe-se que a linguagem constitui-se como modo de compreensão do outro, do seu mundo, à sua forma de pensar. Pois, ela torna-se o meio que determina a existência, bem como, infiltra-se como o poder cultural na relação social com o outro.

Neste sentido, a música do RAP, para além da estética, proporciona o desvelamento de determinadas percepções nos (as) jovens negros (as), que quando intercalada com outras formas de conhecimento, epistemologicamente falando, pode não ser anulado e sobreposto durante a aula, pois neste caso apresentará conflitos. O RAP pode ser um meio para conquistar o (a) estudante ao ponto dele (a) se reconhecer e perceber-se valorizado (a) nos espaços formais, motivado (a) por esta articulação, interagir autonomamente seu mundo com o produzido pela escola.

2. Filosofia e RAP: contribuições para construção de conhecimentos

Através do registro absorvido a partir da realidade educacional pública no Brasil, torna-se natural a produção de olhares desconfiados e uma postura crítica produtora de inquietações, que perpassam desde os currículos ultrapassados à diversidade de problemas estruturais das escolas, e quando estes, entrelaçados as realidades juvenis, perpetuam drasticamente o desenvolvimento de uma educação real e de qualidade.

Em meio aos momentos transitórios da história, que tem uma influência catastrófica na realidade presente dos povos, no que diz respeito à identidade, historicidade, modelos

socioculturais, educação e política, expressões são apresentadas como características peculiares de etnias, que reafirmam o seu lugar, o seu campo de luta partindo da compreensão de princípios no processo da *práxis*. Processo este que perpassa por transformação, determinada por conquistas no campo empírico, favorecendo o aparecimento de uma visão libertadora, que rompe criticamente com os paradigmas de sistemas homogêneos. Este é aqui compreendido como conservador e elitista, logo, reproduzidor de valores e de uma estética atrelada às camadas históricas e hierarquicamente dominantes.

A história da educação no Brasil permite, por meio de análise crítica, observar o enclausuramento em métodos educativos que vela possibilidades de compreensão crítica e mudança da realidade, pois a abordagem do sistema de dominação pela lógica da negação, subordina os indivíduos a vivenciar uma posição de objeto na produção do conhecimento. Para contribuir com a problemática apontada acerca dos motivos reais de uma educação direcionada a favorecer aos interesses de dominação, Mézáros afirma que:

A educação institucionalizada, [...] ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva [...] como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade, seja na forma “internalizada” (isto é, pelos indivíduos devidamente “educados” e aceitos) ou também de uma dominação estrutural e uma subordinação hierárquica e implacavelmente impostas. A própria História teve de ser totalmente adulterada, e de fato freqüente e grosseiramente falsificada para esse propósito. (MÉSZÁROS, 2008, p. 35 – 36)

Assim, como forma de controle, foi contada tanto no passado e está sendo repetida na contemporaneidade a história de formação e colonização do país numa grande porcentagem de escolas públicas no Brasil. E tal ação resulta potencialmente na formação de jovens acrílicos, os (as) quais convivendo pela lógica da transmissão de conhecimento, são condicionados (as) a aprender decorar os conteúdos, sem apresentar questionamentos sobre os mesmos, nem sobre a realidade, ao tempo que ocupam os espaços educacionais sem buscar um sentido no aprendizado. Para Demo (2002, p. 2), “O sistema está interessado numa escola pobre para pobre, porque ele tem medo de um pobre que pensa”.

Torna-se quase utópico querer que o sistema educacional compreenda as minúcias dos detalhes expressos pelos (as) estudantes em seu tempo existencial, dentro ou fora do contexto escolar. Ele fomenta a rapidez em torno do aprendizado e a incorporação do currículo exógeno, isso faz com que as ações práticas não fortaleçam uma educação inclusiva e transformadora que dialogue numa perspectiva libertária, respeitando a diversidade e as formas de conhecimento.

Pois, a lógica compreendida da educação neste contexto, é como aquela executada no mercado de trabalho, o que Santomé (2012), sinaliza como a “recompensa extrínseca a um trabalho que em muitas ocasiões podemos rotular como alienado. Um/a operário/a alienado/a também comunica apenas o salário que ganha, não o que produz” (SANTOMÉ, 2012, p. 156). Os indivíduos conectados ao mundo material, estão alienados³ ao ponto de não conseguirem produzir sua existência sem tal dependência, obrigado por forças externas, a ser objeto do próprio objeto produzido, por isso, não se confirmando no conteúdo produzido. Assim, quanto mais o (a) professor (a) utilizar meios educativos que não despertem a criatividade e a criticidade dos (as) estudantes, tornará a escola pública e o conhecimento, conforme palavras de Demo (2002, p.1), “coisa pobre para pobre”. Ao tempo que, quando práticas educativas não conseguem construir conexões entre a realidade dos (as) estudantes e o conteúdo da disciplina, terá em sala de aula, a reprodução de mais jovens desinteressados (as), acrílicos (as) e sem perspectiva futura em torno dos estudos.

A docência e seus agentes ficam nisso subordinados à esfera da produção, porque sua missão primeira é preparar os filhos dos trabalhadores para o mercado de trabalho. O tempo de aprender não tem valor por si mesmo; é simplesmente uma preparação para a “verdadeira vida”, ou seja, o trabalho produtivo, ao passo que, é dispendiosa, improdutiva ou, quando muito reprodutiva. (TARDIF; LESSARD, 2009, p. 17).

Tem-se que, pela compreensão desta realidade, o (a) professor (a) de Filosofia deve investigar didaticamente novas formas de abordagem metodológica, trazendo por suas pesquisas novos assuntos e teóricos, buscando mediatizar tal perspectiva com as linguagens e percepções advindas dos (as) estudantes. A abordagem por meio de um olhar não conservadorista de outras formas de conhecimento na sala de aula, fundamentada por uma linguagem que estabeleça um diálogo dinâmico com a realidade dos (as) estudantes, permitirá que o debate filosófico partindo da perspectiva do (a) estudante, crie um ambiente alternativo para a construção de novas possibilidades educacionais e de conhecimento.

Neste contexto, o (a) professor (a) é um dos (as) principais contribuidores (as) durante o processo de formação intelectual, identidade e postura crítica do (a) estudante. No entanto, quando o (a) estudante é tratado como um substrato de acumulação de conteúdo, fortalece, ao que parece, o seu descontentamento dentre estas conjunturas que abalam as estruturas de dedicação aos estudos, criando uma relação estranha com o aprendizado.

³ Marx ao falar da exteriorização ou alienação (*Entäusserung*), segundo a concepção de RANIERI in (MARX, 2010, p. 16), significa “remeter para fora, extrusar, passar de um estado a outro qualitativamente distinto”. Em outras palavras, definindo a alienação, de modo universal, seria o estágio que o homem se transfere para algum objeto e/ou ente que esteja fora de sua essência, constituindo por um laço ou ambiente não situado como meio necessário a sua vida.

Neste aspecto, a geração de crises é contínua, as quais tramitam da seguinte forma: Como o ato do filosofar pode conduzir o (a) estudante a participar da aula? Será que realizar aulas, partindo da perspectiva do (a) estudante haverá realmente interesse dos (as) mesmos (as)? Será que minha prática enquanto docente é só mais um meio de docilizar a realidade, abordado somente o conteúdo explícito e recomendado pelo livro didático?

No entanto, ocupando um lugar de extrema importância e responsabilidade social, encontra-se o (a) professor (a) de Filosofia⁴, este tem o papel de problematizar o cotidiano dos (as) estudantes, fazendo-os (as) refletir e questionar, por meio do filosofar sobre os fatores e temas que afligem o contexto da vida cotidiana. O (a) professor (a) utilizando uma didática, que dialogue entre a teoria e prática, baseada em um método objetivo, tem o intuito de tirar o sujeito do lugar de objeto e coloca-lo como sujeito pensador e criador de ações significantes, ou seja, é necessário a criação de um ambiente diverso em que o sujeito se mobilize criticamente, para que o mesmo possa encontrar outros caminhos do conhecimento, podendo este ser construído pela percepção de ser objeto, e deste lugar, mobilize ações cognitivas.

É de extrema importância o trabalho de mediação do (a) professor (a) nas aulas. Partindo desta concepção, é necessário o incentivo de produções autônomas que rompam com paradigmas que trazem ações de subalternização, em que o (a) professor (a) demonstre o lugar que foi reservado historicamente para determinados grupos. Portanto, pela percepção crítica desta realidade, que os sujeitos reais criarem condições reais de existência, revelando possibilidades de emancipação pela transformação da/na realidade com a quebra de paradigmas sociais.

Sendo assim, segundo Marx (2010), as circunstâncias da vida é que modificam o homem, deste modo, é necessário que o (a) professor (a) realize generalização partindo destes princípios, para que o (a) estudante compreenda-se dentro de uma realidade nada confortável, tornando-se sujeito produtor da ação para modificar sua *práxis*. Neste sentido, os indivíduos podem adquirir percepções críticas como confrontação as características ideológicas advindas dos conflitos sociais que estão submetidos.

Conforme Marx (2010), o “homem faz da sua atividade vital mesma um objeto da sua vontade e da sua consciência. Ele tem atividade vital consciente. Esta não é uma determinidade (*Bestimmtheit*) com a qual ele coincide imediatamente” (MARX, 2010, p.84). Tem-se que, a partir disto, a necessidade de construir novos dispositivos sociais e simbólicos que produzam a formação

⁴ Não é o interesse deste artigo, desqualificar o trabalho exercido por professores (as) de outras áreas do conhecimento, para estes e estas, máximo respeito e reconhecimento pelos esforços na luta para a construção de uma educação pública justa e de qualidade, mas a presente obra se delimitará em torno do professor de Filosofia.

de ideias autônomas, ao tempo que essas, quando potencialmente propagadas, solidificam na reafirmação de sua existência.

Por meio da concepção humanista, a qual Marx (2010), se fundamenta, compreende-se que a formação e emancipação do ser social - que haja em prol da construção de uma sociedade mais justa, solidário e coletiva - dar-se por meio da *práxis* num desafio de supracumir a consciência-de-si, para fundamentar socialmente a mudança partindo de circunstâncias reais, históricas e sociais que promoverá pela ruptura deste problema, a “tomada das rédeas” da consciência humana. O que para Semeraro (2006), a partir desta consciência, as “classes populares e seus intelectuais, passam a demarcar os elementos de ruptura e de superação em relação às concepções dominantes, a operar novas sínteses à medida que adquirem “uma progressiva consciência da própria personalidade histórica”” (SEMERARO, 2006, p. 19).

Diante disso, como fazer para que determinados grupos de estudantes comecem a se interessar pelos estudos de forma aprofundada e vivenciar a escola de modo a ser o seu segundo lar? De que forma os (as) estudantes podem perceber suas individualidades respeitadas no espaço escolar ou que eles (as) percebam sentido no conteúdo abordado pelo (a) professor (a)? De que forma os (as) administradores (as) da escola e professores (as) exercem ações para respeitar os (as) estudantes que se comportam e se vestem de maneiras diferenciadas ao estabelecido pela instituição? De que modo é tratado (a) os (as) jovens andando com gingados em seu corpo, reproduzindo uma linguagem oral com dialetos, gesticulando assuntos que não diz respeito somente à escola, mas a vida cotidiana que eles (as) vivenciam? Essas perguntas são necessárias para o desenvolvimento do que está por vir no texto e para reflexões pessoais.

O respeito primeiramente ao estudante é de fundamental importância para a construção de laços harmoniosos e firmes dentro do espaço escolar. Havendo restrições das vontades juvenis, haverá ao que parecem, conflitos, e isso é que sempre vai existir quando há embates de determinadas opiniões e/ou formas de pensar e/ou interagir com a mesma coisa e/ou no mesmo lugar. Para Paulo Freire (1996), o respeito é um elemento fundamental para construção do conhecimento, relações e no exercício prático da ética no contexto escolar. Por isso que:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem [...]; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. É neste sentido que o professor autoritário, que por isso mesmo afoga a liberdade do educando,

amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto, tanto quanto o professor licenciado rompe com a radicalidade do ser humano – a de sua inconclusão assumida em que se enraíza a eticidade. (FREIRE, 1996, p. 24)

O modo que um (a) jovem de periferia, por toda conjuntura social, histórica, política e cultural que o (a) envolve, apresenta determinadas características diferenciadas de jovens que não fazem parte deste contexto. A forma de comportamento e da consciência é diferenciada, pois os modos de constituição e percepção da realidade seguem por esta mesma lógica. Então, para o (a) jovem advindo (a) de periferia, em que a trilha sonora de sua comunidade se resume a tiros de revólver e a músicas que contam sobre esses tiros e suas consequências, a sua forma de interação com o mundo externo a sua comunidade será diferenciada. Juntando estes (as) jovens, em um só espaço chamado escola, em que esses comportamentos e ações são percebidos como frutos de uma não educação, e que o contexto que eles (as) estão inseridos é conveniente para tratar com outro órgão do Estado, por exemplo, a polícia, a escola estará violentamente dando as costas para um retrato da realidade social, negando assim o seu princípio máximo, a educação.

É necessário sim, que a escola reconheça os sujeitos que transitam por entre suas dependências. É preciso que ela haja com respeito à diversidade e as formas de expressão destas. Faz-se necessário, que propicie um espaço em que todos (as) possam se perceber “livres” pelo conhecimento e outras atividades. A escola, bem como, o (a) professor (a) de Filosofia devem procurar meios para despertar a percepção e consciência crítica nos (as) estudantes por suas ações.

A consciência crítica do estudante, adquirida no movimento de autoconsciência, é constituída na relação em que o (a) sujeito (estudante) tome consciência de si e do mundo. Sujeito este, que se torna referencial de inferioridade quando marginalizado pelas forças opressoras que subestimam suas potencialidades intelectuais e culturais, pela manifestação dos seus anseios interpretados como rebeldia, por desobedecer às regras sociais e escolares. Porém, a tomada de consciência deste processo, é que conduz a possibilidade de libertação para reafirmar suas verdades. Diante disso, Taddeo (2012) diz que:

A semente plantada pelo RAP fez germinar os pensadores dos barracos, que pleiteiam: a igualdade jurídica; a liberdade religiosa, cultural, de expressão e de ir e vir; o direito à vida e à dignidade; oportunidades que permitam a elevação social e o crescimento intelectual; a representatividade proporcional de seus pares em todos os âmbitos nacionais; a revisão da história e a proteção contra todo e qualquer tipo de opressão. (TADDEO, 2012, p. 117)

Pensar numa educação emancipatória e libertadora, que desvele possibilidades de transformação para os indivíduos, é fortalecer os laços que unificam as formas de conceber e de criar conhecimento, bem como, o respeito à singularidade dos indivíduos. Uma vez que, a pluralidade de expressões e características advindas de suas identidade, historicidade, religião e

cultura são elementos presentes dentro do contexto escolar. Tem-se que estas, são objetivação da realidade, cujos (as) estudantes, para serem percebidos (as) reinventam formas de superação das exclusões, reafirmando o seu lugar na sociedade e na escola, pelo seu mundo.

Deste modo, a problematização da realidade social realizada pelo professor, conduzida por praticas educativas como as do RAP, podem ser um meio para que os (as) estudantes compreendam e dialoguem frente às manifestações de caráter violento e desigual, preparando o (a) estudante para enfrentar criticamente as ações que o aflige no âmbito social, além de servir como mecanismo para o aprendizado da disciplina.

O RAP pela sua metodologia prática com a realidade pode subsidiar elementos de interação cognitiva para o ato do filosofar, pois assim como o RAP busca reflexões a partir da realidade objetiva, historicamente a Filosofia percorre por caminhos em que a relação com o saber confirma-se a partir do mundo. Temas abordados pelas músicas de RAP como a violência, amor, paz, consciência, entre outros podem ser utilizados como meio para trabalhar reflexões filosóficas, e fazendo com que o pensamento de Platão seja tão contemporâneo quanto o RAP.

Construir mecanismos que desvele no (a) estudante o sentido da autonomia, faz-se necessário para que a educação não caminhe por ações conformistas e castradoras das potencialidades. Hoje mais do que nunca, faz-se necessário que o (a) professor (a) comece a utilizar cada vez mais outros mecanismos educativos e emancipatórios, cuja experiência bem sucedida trazida pelas músicas de RAP seja uma alternativa frente tantas outras a serem utilizadas para a construção do conhecimento.

Filosofar por meio do ritmo e a poesia, é reconhecer que não existe só uma possibilidade de construir a educação, é conduzir o conhecimento a vivenciar lugares não investigados, é desvelar trajetos que por muito tempo ficaram encobertos por caracterizações de aparência do conhecimento verdadeiro. Tal conhecimento quando entrelaçado por meio do ritmo e a poesia, e problematizado pelo filosofar, corresponde aqui, como modo de contribuir com as substancialidades que operacionalizam o poder criativo do (a) jovem, demonstrando para este (a) que sua individualidade está sendo pensada na aula. E que, portanto, a sala de aula não seja um ambiente de aprisionamento do conhecimento, mas pelo contrário, o conhecimento não pode ser similar à estrutura quadrada da sala, para que os (as) estudantes entrem nela, percebidos (as) como um quadro branco a ser preenchido de informações.

Filosofar é redescobrir e valorizar por meio do encantamento mundos que não foram explorados e se foram idealizados, não foram sentidos em sua essência. Por isso, a construção de conhecimentos parte da ação real de valorizar outras formas de conhecimento, valorizando estas, automaticamente se remete aos indivíduos que possuem tal preciosidade, a qual está conectada à articulação infinita e multável da [re] construção de vidas, movida por histórias, realidades, individualidades, percepções, e etc.

Considerações finais

O presente artigo buscou refletir, bem como, apresentar propostas metodológicas no ensino de Filosofia para o ensino médio, tendo as músicas de RAP como recurso didático. Suscitou-se nas argumentações meios necessários para favorecer diálogos para construção de outras possibilidades de conhecimento, o qual valide tanto a abordagem do (a) professor (a) quanto o tempo e as formas de aprendizado dos (as) estudantes.

Tendo em vista que, a maioria dos (as) estudantes do ensino médio advém de comunidades periféricas, são negros (as) e sofrem com as consequências de uma realidade desfavorável, então se pensou por este trabalho, como o (a) professor (a) de Filosofia poderia atuar na aula, permitindo que ela não seja um momento de estranhamento, de somente conteúdo e totalmente fora da realidade. Além disso, pensou-se como valorizar o conhecimento e a realidade de determinados jovens, ao ponto de construir outros modos de interagir a Filosofia com a vida.

Partindo destes princípios, a proposta visou construir possíveis caminhos no ensino da Filosofia como modo de conectar a linguagem juvenil, e os modos dicotômicos de pensar um determinado problema. E por meio disto, o (a) professor (a) utilizando tais elementos com os temas filosóficos mediatizados com as músicas, em atuações reais, sem perder o rigor intelectual e pedagógico, pode direcionar as aulas para encontrar outras perspectivas de educação.

Para qualquer educador (a), que almeje fundamentar ideias e transformar a estrutura desigual possuidora de estratégias para desconexão e negação do ser social, sobreposta pela forma violenta de produzir a vida, deve-se fazer como Platão apresenta no livro VII da *República* (2008), o retorno. O retorno como possibilidade de reescrever outra história, de evidenciar o acesso desvelador de outros caminhos. Pelo retorno, a Filosofia servirá como desconstrução para

construção, emergindo das trevas para luz, do não-ser ao ser, da crise para a harmonia, do inanimado para a vida.

Sendo assim, a funcionalidade e conexão da Filosofia com as músicas de RAP, apresentada aqui, pode servir como mecanismo enrijecedor de poder real no ensino médio, não como forma alienante transpassada de cima para baixo visando à escravização dos indivíduos, ou modo recreativo de cantar a música, mas sim como possibilidade educativa de desvelar caminhos reflexivos a partir do real, da vida, de sujeitos. Esta forma de pensar a Filosofia é evidenciada criticamente sob as desventuras ressoadas pela acomodação que a muito tempo o ensino público reproduz. É necessária a transformação, é necessária a apresentação de novas propostas educativas que sejam tidas como elementos críticos, formadores e transformadores dos problemas que circundam a realidade.

Referências bibliográficas

DAYRELL, Juarez. *Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

DEMO, Pedro. De que escola estamos falando? *Revista de Educação CEAP – Ano 10 – nº 36 – Salvador*, mar/2002.

DUARTE, Geni Rosa. *Arte na (da) Periferia: Sobre..Vivencias*. In: *Rap e Educação / Elaine N. de Andrade (org.)*. – São Paulo: Summus, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra/ 1996. Disponível em: < <http://www2.uesb.br/pedh/wp-content/uploads/2014/02/Pedagogia-da-Autonomia.pdf>>. Acesso em: 14/08/15.

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. *Rap: Transpondo as Fronteiras da Periferia*. In: *Rap e Educação / Elaine N. de Andrade (org.)*. – São Paulo: Summus, 1999.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. *Adolescentes como autores de si próprios: Cotidiano, educação e o Hip Hop*. *Cad. Cedes, Campinas*, v. 22, n. 57, agosto/2002, p. 63 – 75. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 22/04/15.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. 1ª Ed. São Paulo – SP: Boitempo, 2010b.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. 2. Ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. *Bahia com H de Hip-Hop*. 1ªed. Salvador, 2014.

PLATÃO. *A república*. 11. ed. Lisboa, Po.: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

TADDEO, Carlos Eduardo. A Guerra não declarada na visão de um favelado. 1ªed. São Paulo, 2012.

TARDIF, Maurice, LESSARD Claude. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 5ª Ed. – Petrópolis, Rj: Vozes, 2009.

Racionais Mc's. Fim de semana no parque. CD Raio X Brasil - Liberdade de expressão, lançado pela Zimbabwe, São Paulo – SP, 1993. Disponível em: <<http://letras.mus.br/racionais-mcs/63447/>>. Acesso em: <27/04/15>.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis - RJ: Vozes, 1995.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: Alienígenas na sala de aula/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). 10. Ed. – Petrópolis, Rj: Vozes, 2012.

SEMERARO, Giovanni. Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.